

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

KAMILLA DA SILVA ROVARIS

**PELO PAÍS DAS MARAVILHAS: O ADOLESCENTE E A AÇÃO DO
IMAGINÁRIO**

CRICIÚMA - SC

2012

KAMILLA DA SILVA ROVARIS

**PELO PAÍS DAS MARAVILHAS: O ADOLESCENTE E A AÇÃO DO
IMAGINÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
licenciada no curso de Artes Visuais, da
Universidade do Extremo Sul Catarinense
– UNESC, na linha de pesquisa Educação
e Arte.

Orientadora: Prof^a. Aurélio Regina de
Souza Honorato

CRICIÚMA – SC

2012

KAMILLA DA SILVA ROVARIS

**PELO PAÍS DAS MARAVILHAS: O ADOLESCENTE E A AÇÃO DO
IMAGINÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado pela Banca Examinadora para
obtenção do Grau de Licenciada, no
Curso de Artes Visuais. da Universidade
do Extremo Sul Catarinense, UNESC,
com Linha de Pesquisa em Educação e
Arte.

Criciúma, 28 de novembro de 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Aurélio Regina de Souza Honorato – Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Angélica Neumaier -Especialista - (UNESC)

Prof^a. Cristina Bergman Correia - Especialista - (UNESC)

À imaginação.

AGRADECIMENTOS

Como é bom poder agradecer aos que sempre estiveram ao nosso lado, em todos os momentos, bons e ruins.

À Deus em primeiro lugar, sempre.

Especialmente à minha mãe, Cleonice, que sempre me incentivou a ingressar no curso, que venceu e conquistou junto comigo, cada etapa. À minha irmã, Karolline, que de certa forma, adiou o sonho dela para que eu primeiro conquistasse o meu. Está chegando a hora Karol! Sem vocês duas, estar aqui seria impossível. Amo muito as duas.

Ao tio Joel e à tia Léia, por todo o apoio, caronas e tempo disposto, nestes quatro anos. Também pelas conversas, curiosidades e momentos de lindas fotografias.

Ao tio Zezinho e à tia Nete, por sempre se lembrarem de mim.

À tia Sida, por toda palavra de conforto, toda força e pensamento positivo. Por nunca permitir que eu desanimasse dizendo: Tu vai conseguir!

À avó Marta, pelas tantas orações.

Enfim, a todos os familiares que sempre me apoiaram.

Ao Murilo, por tanta imaginação compartilhada. E por estar sempre disposto a ajudar. Sem contar que também experienciou a arte, a cada vivência minha.

À artista Deise Pessi, pela sua doçura. Pela fonte de inspiração. Que me encantou e encanta com seu universo de imaginação, suas marcas, seus traços, admiro-a muito.

À Cristiane Mezzari Tonetto, diretora da Escola de Educação Básica Arizona, grande amiga, incentivadora e exemplo. Frágil, mas de uma força tamanha, que com sua garra me ensinou sempre a lutar e persistir pelos meus objetivos,

À Professora Edite Volpato, querida amiga, obrigada pelas conversas, incentivo e por todo apoio. Carinho imenso.

À professora orientadora Aurélia, que sempre foi tão querida e amável comigo. Tens o dom de com poucas palavras acalmar meu coração. Obrigada por todo conhecimento compartilhado, pelas conversas, pela imaginação, força, enfim, tudo. Te admiro muito.

Às amigas conquistadas neste percurso, em especial, Aislana, companheira e irmã de imaginação.

Aos participantes da oficina, por todos os momentos de imaginação compartilhados.

À Lewis Carrol, autor da história Alice no país das Maravilhas e à Tim Burton, que através do cinema, despertou meu olhar para a história da menina imaginante, que descobriu um novo mundo ao entrar pela toca do coelho, cheio de criaturas mágicas.

Todos vocês foram muito importantes nesta caminhada.

**“Alice: - Quanto tempo dura o eterno?
Coelho: - Às vezes apenas um segundo”.**

(Alice no País das Maravilhas)

RESUMO

A pesquisa que deu forma a este Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvida com base na minha preocupação com o estímulo do imaginário dos adolescentes. Desta forma chamei alguns para participarem da oficina intitulada: Desenhos em todos os sentidos: dando asas às maravilhas da imaginação, que permitiu a eles explorarem sua imaginação por meio de propostas artísticas. Para poetizar e fundamentar a pesquisa, dialoguei com o filme Alice no País das Maravilhas e diversos teóricos que discutem a imaginação, o ensino da arte, a cultura e os adolescentes. A pesquisa aponta que torna-se essencial para a educação em Arte que o professor estimule seus alunos através da imaginação, para que eles possam expressar seu referencial cultural pessoal e colocar suas próprias impressões e expressões nas suas criações.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de arte. Adolescentes. Processo criativo. Imaginação. Repertório cultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ilustração do chá de arco-íris, imaginado pela pesquisadora	19
Figura 2 – Convite elaborado pela pesquisadora	36
Figura 3 – Imagem do desenho feito por Suzucki	45
Figura 4 – Imagem do desenho feito por Doritos.....	46
Figura 5 - Imagem do desenho feito por Catgirl.	48
Figura 6 – Fotografia captada por Catgirl	49
Figura 7 – Imagem do desenho feito por Catgirl.....	50
Figura 8 – Mascote das Paraolimpíadas – Londres 2012.....	51
Figura 9 – Fotografia capturada por Catgirl.....	52
Figura 10 – Imagem do desenho feito por Catgirl.....	52
Figura 11 – Imagem da personagem Samara, referenciada por Suzucki	54
Figura 12 – Imagens do desenho feito por Lia	55
Figura 13 – Imagem do desenho feito por Catgirl.....	56
Figura 14 – Imagem do desenho de Suzucki	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAPÍTULO I	15
2.1. VIAJANDO SOBRE O CHAPÉU DA IMAGINAÇÃO.....	15
2.2 SUCO MINIMIZADOR PARA ENTRAR NO PROCESSO CRIATIVO.....	21
3 CAPÍTULO II	23
4 CAPÍTULO III	28
5 CAPÍTULO IV	34
5.1 PORTA TRANCADA, CHAVE NAS MÃOS E O TAMANHO PERFEITO PARA ATRAVESSÁ-LA: A OFICINA CONTADA.....	35
5.2 A OFICINA CONTADA: CONHECENDO AS COISAS.....	38
5.3 A OFICINA CONTADA – EXPRESSANDO LIVREMENTE: NÃO É UM SONHO É UMA MEMÓRIA!.....	38
5.4 A OFICINA CONTADA – ACHANDO DESENHOS NAS COISAS: PERMITINDO-SE À IMAGINAÇÃO, O SONHO ESTÁ LIBERTO.....	39
5.5 A OFICINA CONTADA – REVELANDO OS DESENHOS NOS ACHADOUROS: ELEMENTOS MÁGICOS E CRIATURAS ESTRANHAS.....	40
5.6 A OFICINA CONTADA – MARAVILHA DE CRIAR UMA CHINFORINFOLA: A IMAGINAÇÃO É FÉRTIL.....	41
5.7 A OFICINA CONTADA – AS MARCAS QUE DEIXAMOS: CRENDO NO VALOR DO PENSAMENTO IMAGINATIVO.....	42
6 CAPÍTULO V	44
6.1 QUANDO ACONTECE A PROVOCAÇÃO DO IMAGINÁRIO: NOVAS SENSACIONES.....	49
6.2 CHINFORINFOLANDO: PROVOCANDO MAIS E MAIS O IMAGINÁRIO.....	54
7 CAPÍTULO VI	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	66

1 INTRODUÇÃO

CONHECENDO, INSPIRANDO-SE E SONHANDO: O INÍCIO DA HISTÓRIA

*- Cada vez mais curiosa!
(Alice ao entrar no País das Maravilhas)*

Minha história de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) começa a ser contada primeiramente pelo encantamento com o filme de Tim Burton, lançado em 2010, baseado no clássico de Lewis Carrol, Alice no País das Maravilhas. Eu conhecia brevemente a história, mas fui buscar saber mais sobre ela depois de assistir ao filme. Comprei o livro, assisti ao desenho animado da Disney e não tem como negar, foi paixão na certa. Desde então, sempre me encontrei em busca das imagens, de roupas inspiradas nela, de estampas, e tudo mais que posso encontrar e guardar, até hoje o faço, sobre a tal Alice, seu mundo mágico e a sua relação com o mundo imaginário, detalhes estes que me encantam.

A história de Lewis Carrol é recheada de fantasia e Alice, a personagem principal, é uma jovem que se encontra entre a infância e a adolescência. Tem uma personalidade sonhadora... Sonhadora até demais.

Para Alice, neste novo mundo, o País das Maravilhas, tudo que acontece é pura fantasia e parece um amontoado de grandes absurdos.

Ela tem que aprender a controlar seus impulsos, pois sofre consequências, como no caso de beber todo o conteúdo da pequena garrafa, (que tinha sabor de tudo que a menina mais gostava). A garrafa que se encontrava em cima da mesa de vidro, perto da entrada do País das Maravilhas, tinha um rótulo que dizia: BEBA-ME. A consequência, neste caso, foi que a menina ficou pequenina. E pensando pelo lado bom, sem esse milagroso frasco, Alice não poderia entrar no País das Maravilhas, pois era muito grande para passar na pequena porta.

Os biscoitos que ela encontrou neste mundo, também eram muito convidativos, neles estava escrito: COMA-ME, (e eu penso que faria a mesma coisa), também traziam consequências como crescer muito. As principais criaturas que vivem no País das Maravilhas também são de extrema

importância e encantamento e que despertam nossa imaginação. Vejam só, neste lugar os animais falam. O coelho de colete e relógio, e que sempre estava correndo atrasado é que foi a criatura responsável por Alice entrar no País das Maravilhas, mas diversas outras, aparecem e interagem com a menina, como: uma lagarta azul que fuma narguilé¹, é enigmática e muito inteligente, explica várias coisas para a menina. A Lebre de Março, doidinha, doidinha; o Chapeleiro Maluco, que é muito mais evidenciado no filme do que no livro, tenho um encantamento especial por ele, fala coisas sem sentido, mas tem um coração puro. No filme é ele quem ajuda Alice na luta contra a tirania da Rainha de Copas, famosa por mandar cortar a cabeça de quem ousar incomodá-la. Tem também o Gato Risonho, ele é listrado, lindo, lindo, tem o poder de desaparecer e aparecer a hora que bem entender. Estas são algumas criaturas que vivem no País das Maravilhas e Alice interage com todas elas, vivendo uma aventura neste lugar nonsense.

Encanta-me saber que crianças como Alice se permitem imaginar, estar em outros lugares, e criar personagens e fantasias. Depois que conheci esse país maravilhoso, a história da imaginação presente em Alice no País das Maravilhas, me permitiu ampliar minhas fontes de inspiração. Minha produção em desenhos foi diretamente influenciada por esta experiência com a imaginação, e isso me tornou mais realizada, mais aberta para imaginar e expressar por meio de linhas, traços e cores.

Que o filme é lindo, que todo aquele mundo é maravilhoso, que as coisas que acontecem lá são incríveis eu soube desde o princípio. O que eu não sabia, é que Alice tinha muito a ver comigo, antes mesmo de eu a conhecer, com relação às roupas principalmente - vestidos, laços, babados e fitas sempre fizeram parte do meu repertório cotidiano e gosto estético.

Desde que entrei no curso de Artes Visuais na Unesc, me sinto muito realizada, estar aqui sempre foi um doce sonho. E ele aumentou a cada disciplina cursada. Muita experiência foi acumulada, muita vontade de poder dividir os conhecimentos e experienciar com os alunos, sem contar nos amigos verdadeiros que conquistei aqui. Neste curso, cada um tem seu espaço e é

¹ É um cachimbo à base de água ou de alguma bebida alcoólica que é utilizado para fumar usando essências de diversos sabores.

livre para ser como quiser ser, sem preconceitos. Então conhecer arte, virou meu passatempo preferido. E esta pesquisa veio para acrescentar, misturar tudo que aprendi nestes quase quatro anos de curso, com uma coisa que gosto tanto, Alice no País das Maravilhas. Acredito que você leitor, vá se deliciar com as grandes fontes de imaginação presentes nesta pesquisa. Permita-se! Depois de compartilhar parte dessa história com você leitor, apresento meu intuito científico: busco compreender nesta pesquisa se o processo de apropriação do imaginário que aconteceu comigo, ao ter contato com o filme e com o livro de Alice, além de outras histórias imaginárias, também ocorre com os adolescentes. Se está presente nas produções artísticas deles, o gosto por tais coisas, ou o repertório cultural captado pelo universo dos filmes, dos livros ou pelos personagens com os quais eles têm contato.

O repertório artístico cultural é a bagagem que cada um traz consigo, que pode ou não refletir em suas produções artísticas em sala de aula, nas aulas de arte.

Em minha busca nesta investigação levo em consideração o aprofundamento dos estudos teóricos sobre as aulas de arte, os adolescentes, os processos criativos, a imaginação, a produção artística individual, o repertório artístico e o imaginário.

Com estes temas abordados, trago o problema central da pesquisa: Como se dá a produção artística dos adolescentes por meio da provocação do imaginário mediante diferentes referências culturais?

Para poder estudar este problema, trago algumas questões norteadoras que me impulsionam: Nas produções dos alunos em arte, estão presentes elementos do repertório de livros, filmes, ou seus personagens? A imaginação dos alunos é aguçada a partir do contato com livros, filmes e seus personagens? Até que ponto os adolescentes se identificam com algum personagem? (se é que se identificam). É possível identificar na produção artística dos adolescentes, elementos provenientes do mundo imaginário dos filmes?

Para aprofundar teoricamente este estudo, trago para o diálogo autores como Vigotski (2009), que fala sobre a imaginação, Martins, Picosque e Guerra (1998), que dialogam sobre alguns dos temas pertinentes a esta

pesquisa, o ensino de arte, processo criativo, referências culturais, imaginação, Laraia (2005), abordando os temas de cultura e repertório cultural.

A pesquisa aqui presente estrutura-se em cinco partes, todas elas entram em diálogo com partes ou situações do filme *Alice no País das Maravilhas*, de Tim Burton (2010). No primeiro capítulo: *Viajando sobre o chapéu da imaginação*, apresento um diálogo com diferentes teóricos que se dedicaram a pensar a imaginação.

No segundo capítulo: *Caindo sobre a toca do ensino da arte* apresento um diálogo sobre o ensino da arte, juntamente com a imaginação.

O terceiro capítulo traz como título: *Quem decide o que é apropriado? Que vem falando de cultura e de repertório cultural*, discutindo com o autor Laraia.

O quarto capítulo: *O caminho para se chegar à metodologia*, fala sobre a metodologia abordada na pesquisa, que se subdivide em sete subtítulos, que explicam a oficina, estruturados por atividades realizadas: *Porta trancada, chave nas mãos e o tamanho perfeito para atravessá-la*: a oficina contada, que narra como foi o percurso da preparação da oficina. *A oficina contada: Conhecendo as coisas, onde foi tomado conhecimento das coisas que os adolescentes mais gostam*. *A oficina contada – expressando livremente: não é um sonho é uma memória!* Fala sobre a primeira produção que os adolescentes fizeram na oficina. *A oficina contada – Achando desenhos nas coisas: Permitindo-se à imaginação, o sonho está liberto*. Este subtítulo relata uma experiência da imaginação dos adolescentes ao sair pelo pátio da escola para encontrar desenhos nas coisas. *A oficina contada – revelando os desenhos nos achadouros: Elementos mágicos e criaturas estranhas*, conta a experiência da imaginação, através da descoberta dos desenhos encontrados na saída de campo. *A oficina contada – maravilha de criar uma Chinforinfola: A imaginação é fértil, provocação do imaginário, feita a partir do episódio de um personagem, conhecido dos adolescentes*. E o último subtítulo, a oficina contada – *As marcas que deixamos: Credo no valor do pensamento imaginativo, outra provocação do imaginário realizada através das marcas deixadas por cada um dos adolescentes*.

O sétimo capítulo tem por título: *As várias possibilidades do mundo subterrâneo: um mundo de fantasia – analisando os dados*, fala da análise feita

a partir dos resultados obtidos com as oficinas e o meu olhar sobre a imaginação compartilhada que aconteceu. Neste sétimo capítulo, vamos experienciar as atividades realizadas pelos adolescentes. Ele se subdivide em outros quatro subtítulos: As coisas, onde vamos conhecer as falas dos adolescentes sobre as coisas que mais gostam; A primeira produção, onde conheceremos o desenho livre que fizeram; Quando acontece a provocação do imaginário: novas sensações, aqui veremos a criação dos adolescentes através de uma provocação com o exercício de achar desenho nas coisas; Chinforinfolando: provocando mais e mais o imaginário, veremos a produção das adolescentes referente à provocação do imaginário com um episódio do Chaves e por último, Provocação do imaginário através das marcas, aqui vamos experienciar a criação das adolescentes a partir de uma simples marca de sapato.

O último capítulo, o oitavo, traz as considerações finais. Espero que esta pesquisa possa contribuir e que possa ser espaço para discussão e reflexão para professores de arte, que assim como eu, preocupam-se e valorizam a imaginação dos adolescentes.

2 CAPÍTULO I

2.1. VIAJANDO SOBRE O CHAPÉU DA IMAGINAÇÃO

- Sua carruagem my lady!
- Um chapéu?
- É claro, qualquer um pode ir à cavalo ou de trem,
porém o jeito mais legal de viajar é de chapéu! Eu
fiz uma rima?

(Conversa do Chapeleiro Maluco e Alice)

Há algumas definições sobre imaginação, que são viáveis comentar aqui para iniciar o assunto. Para Houaiss (2004, p.399), a palavra imaginação tem diferentes conceituações: “1) faculdade que possui o espírito de representar imagens; 2) faculdade de criar a partir da combinação de ideias; criatividade; 3) ter certa ideia sobre; julgar(se), presumir(se)”. Também apresenta-a como sinônimo de “imaginário; 1) que não é real; fictício; 2) o que pertence ao domínio da imaginação; 3) reunião de características e símbolos da vida de um povo, uma nação”.

Ao iniciar esta pesquisa, busquei vários livros e materiais que tratavam de imaginação, achei em um texto de Egan (2005, p. 16), uma fala curiosa sobre uma tradição hebraica e grega,

Algumas das histórias mais antigas das tradições hebraicas e gregas associavam a imaginação a atos de desobediência que objetivavam ampliar ou causar a ampliação dos poderes humanos, em particular o poder de imaginar e planejar um futuro diferente do passado.

Pergunto-me: o que seria do mundo sem a imaginação? Seria realmente sem graça, pois a imaginação é um caminho para a solução de problemas.

Então, eu acho incrível a capacidade que o nosso cérebro tem em não apenas reproduzir elementos ou ações provenientes do mundo que nos cerca, do nosso repertório cultural, mas também de reelaborar através de combinações, criando, atravessando as barreiras da nossa experiência.

Para Vigostki (2009, p.14):

A psicologia denomina de imaginação ou fantasia essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência denomina com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Neste sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.

Pode-se dizer então, que a imaginação é fundamentalmente criadora, ativa, aberta e realizante.

No mundo contemporâneo que vivemos, somos bombardeados por notícias, na internet, redes sociais, televisão, rádio, outdoors, livros, enfim, são muitas informações acumuladas ao longo de nossa vida, como as vindas pelas mídias, pela escola, em casa, na rua e essas informações cotidianas vão se tornando somatórias e enriquecedoras de nosso *bauzinho*². Somos uma espécie de antena que capta todas estas informações cotidianas e as guarda. É aqui que cabe relatar sobre este tal *bauzinho*, que cada um possui desde que nasceu. É nele que vamos guardando todas as nossas experiências, vivências, todo o nosso repertório cultural. Quanto mais velhos vamos ficando, mais bagagem acumulada nele teremos. Egan (2005, p.6) nos diz que “aquilo que se arquiva é o que se acha, [...] O que acontece neste caso é que o seu instrumento de armazenamento é o seu cérebro e o mecanismo de busca é a sua memória.”

Necessitamos ser flexíveis, pois desde crianças, enquanto nos socializamos, vamos aprendendo, formando nossos conceitos, tendo a nossa maneira de ver as coisas, condizendo com a personalidade, que vai sendo formada.

Concordando com esta escrita, Vigotski (2009, p.22), diz que:

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis por que a

² Bauzinho é uma espécie de arquivo, no qual podem ser armazenadas várias coisas, neste caso as experiências. (grifo meu)

imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência.

No mundo de fantasias, onde imperam as brincadeiras e a imaginação permanente, é que o professor, principalmente o de Arte, deve inspirar-se e aproveitar os poderes imaginativos dos alunos, os seus devaneios poéticos e estimulá-los para que jamais deixem de lado, na medida em que crescem, a potência imaginativa. Potência esta que lhes abrem as portas para diferentes universos, sempre construindo relações destes com a realidade. É importante que os adolescentes percebam que podem vasculhar sua imaginação como meio de inspiração, e que compreendam que não compete apenas à criança o ato de imaginar.

A imaginação está presente na vida de todos, o que acontece é que precisamos estar estimulando-a. Quanto mais estímulo, mais capacidade teremos de imaginar. Para uma representação da realidade aliada à imaginação, a motivação é fator fundamental. Com ela os alunos podem, por meio da inquietação com diferentes propostas, sentir a grandeza da imaginação, do mistério que a envolve e da capacidade que ela tem de reconstruir a partir do real.

A imaginação na vertente poética tem papel fundamental na formação escolar de cada um, ela nos permite ir onde quisermos. Podemos construir o que quisermos, como nos mostra o poeta Manoel de Barros³ em *O menino que carregava água na peneira*, - o menino fazia muitos despropósitos, que além de poder carregar água na peneira, podia fazer pedra dar flor, criar peixes no bolso, roubar o vento e sair correndo e ele podia ser o que quisesse ao mesmo tempo, monge, noviça, ou mendigo. “Na vertente poética fica claro que a imaginação liberta e feliz impulsiona o homem para além de si mesmo”. (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p.45)

Através da imaginação criadora, desenvolvemos traços, além de saber que ela pode ultrapassar as barreiras do real, pois ela pode ir além do que está visível.

Para Barbosa e Bulcão, 2004, p.48

³ BARROS, Manoel. Exercícios de ser criança. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

Esta concepção da imaginação como única capaz de desvelar o oculto torna-se clara quando Bachelard afirma que a imaginação ultrapassa a realidade, ela vê o invisível, ela vai ao fundo das coisas. A imagem só pode, pois ser captada pelo método fenomenológico na medida em que tem todo o seu ser na imaginação. A imagem poética escapa à casualidade, ela não possui antecedentes como queria a psicologia, ela, “emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade”.

Às vezes fico me perguntando: como *Alice* conseguiu criar todo aquele mundo? Com todos os personagens presentes naquela história? Com todas as situações que foram vividas por ela? Sua irmã associa tudo que Alice contou ter acontecido, aos ruídos da fazenda, durante o sono da menina. Isso já aconteceu comigo algumas vezes, quando estava dormindo e sonhando, acredito que num estado de semi-consciência; no sonho, alguém me perguntou algo e quando fui responder, falei bem alto, acordando com a minha própria voz, levando algum tempo para entender o que estava acontecendo, depois foi engraçado. Outra situação que aconteceu enquanto eu dormia, já sonhando: o telefone tocando no meu sonho e eu atendo, mas ele continuava tocando. Este é o momento em que eu acordo, no susto, e o telefone não parava de tocar, no mundo real. É com estas minhas experiências que desconfio que situações parecidas com as que Alice viveu, acontecem mesmo.

Fico imaginando e às vezes converso sozinha, assim como Alice. O que será que tinha naquele chá especial, tomado junto com Chapeleiro, a Lebre de Março, a ratinha Mallian Keen e o gato Risonho, Cheshire? Imagino que seria algo como um chá de arco-íris. Todos os chamavam de loucos, mas louco mesmo é quem nunca provou daquele chá. Os efeitos são mágicos, tornam as pessoas, ou qualquer ser, mais contentes e felizes. A alegria fica estampada na cara. Muitos risos acontecem.

Este relato da minha experiência ao imaginar desta forma, é o que Egan (2005, p.16) analisa, “A sensação de liberdade nessas escolhas, e nas cenas que podemos projetar em nosso cinema mental interno, pode ser até certo ponto ilusória. Se de fato é ou não, trata-se de uma capacidade conectada com nossa habilidade de imaginar”.

Figura 1 – Ilustração do chá de arco-íris, imaginado pela pesquisadora



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Então, quando eu uso a natureza do real aliado ao recurso da imaginação, posso criar outra natureza a partir do que já se tem, do já vivenciado. Podendo usar esta constante transformação do real, graças às maravilhas do poder imaginativo que nos são permitidos, possibilitando o ilimitado. É assim que transformamos coisas arquivadas em nosso *bauzinho* em uma nova experiência.

Nossa imaginação então é como se fosse também uma espécie de memória, e mantém relação aberta com o mundo, onde a gente revive fatos que ocorreram e também podemos recriá-las através da maravilha da imaginação. Como diz Pessi (2011, p.17), “Assim são as coisas, elas nos convidam, a todo o momento, a recriá-las. Desta forma acontece o processo de criação a partir do imaginário”.

Desde que nascemos vamos acumulando experiências ao longo de nossa vida, através dos nossos sentidos e também somos socializados neste período com o mundo ao nosso redor. Vamos conhecendo as coisas que nos envolvem, desenvolvemos a atenção, a percepção, adquirimos as memórias, a partir das vivências, raciocinamos para fazer as coisas, para resolver problemas, vamos adquirindo conhecimentos e desenvolvemos a nossa imaginação. Pensamos, nos adaptamos ao meio e interagimos com ele, e também distinguimos o que gostamos do que não gostamos. Vamos fazendo escolhas.

Agora, volto-me para uma reflexão sobre a imaginação na área da arte/educação, onde podemos falar da sua importância no ensino das artes. Pois atribuindo a ela o sentido de criação, nas produções artísticas e na apropriação dos significados, a fruição, tornando-se componente essencial nesta área do conhecimento.

Cabe a nós professores estimularmos a imaginação dos alunos, pois a ela compete um papel de significados pessoais, e culturais. Pessi (2011, p.19), concorda dizendo:

A nós professores, cabe a tarefa de mostrar que uma flor pode ser colorida e as folhas transparentes, ou do jeito que imaginou. O ensino da arte, não tem sentido se todas as coisas estiverem prontas e com um único resultado. A arte é múltipla, para ela não existe certo e o errado.

A arte e a imaginação são aliadas, num ponto de vista que precisamos dela para observar as obras ou objetos artísticos e atribuir significados as mesmas. É através dela que podemos explorar as múltiplas interpretações de uma obra.

Um exemplo disso, como é citado por Barbosa (2005), fazendo referência à obra de Chagall, onde ele retrata um relógio com asas, e a autora questiona o que ele queria dizer com o relógio alado, através da imaginação, buscando metáforas, então nós buscamos respostas para fazer uma análise da obra. Por isso a imaginação se faz necessária e deve ser potencializada, não só na disciplina de artes.

É o que nos traz Egan (2005, p. 17),

A imaginação tem que se desenvolver nessas disciplinas, para que sua apropriação do mundo seja enriquecida com significado, e a imaginação pode reconhecer e trabalhar nos limites da apropriação que elas podem fazer da realidade.

Imaginar é criar uma nova forma, em qualquer meio que se utilize, que pode ser inesperada até para quem cria. É lidar com o novo, sem ter medo de ultrapassar os limites. Imaginação é preciso. Permita-se!

2.2 SUCO MINIMIZADOR PARA ENTRAR NO PROCESSO CRIATIVO

- Alice, como vai você novamente?
- Como se sente sendo tão grande?
- Ela não é tão grande, este é o tamanho normal dela!
- Ela era muito menor quando a conhecemos!
- Não, ela bebeu o suco minimizador pra atravessar a porta, lembra?
- Ah, é!

(Conversa entre os Tweedles sobre Alice)

Quando temos uma ideia para criar algo, a primeira imagem já é formada na nossa imaginação, depois o próximo passo é escolhermos a linguagem em que essa imaginação acontecerá realmente, e são variadas as possibilidades para expressar o que desejamos. A produção de arte é intencional e quem tem a ideia é o artista, e arte é ação humana, podendo sofrer reações do acaso, pois sempre desejamos despertar ou transmitir algo com ela, fazer com que o espectador se questione ao entrar em contato com tal. Para Martins, Picosque e Guerra (1998, p.55) “Tudo na obra de arte tem uma intenção. [...] A ação intencional do autor/artista é que define seu trabalho, [...] através de seus sentidos, intuição, imaginação, intelecto, sensações”.

A percepção que temos do mundo e da cultura que nos cerca é fundamental para acrescentarmos bagagens em nossos *bauzinhos*, e principalmente para usarmos estes recursos como entendimentos e como ferramentas de reflexão na hora da criação em arte. Para Martins, Picosque e Guerra (1998, p.56),

O artista processa essas sensíveis percepções e as organiza, compara, seleciona, sente e se emociona, pensa sobre elas e , quando as ordena na criação artística, através de um pensamento projetante, as devolve ao mundo em forma de pintura, escultura,

teatro, música... E as devolve com uma intenção, ainda que inconsciente! [...] O pensamento projetante, esvoaçando solto à mercê da imaginação criadora, nos oferece imagens prévias [...]

Não se pode deixar de mencionar, na transformação da imaginação em processo criativo, no aproveitamento das situações cotidianas, dependendo do material que se for utilizar, neste caso, o acaso, que pode acarretar em uma certa mudança, é o imprevisível agindo sobre uma determinada ideia, que o artista tem. A arte se modifica.

Assim, o pensar se expressa através da concretização, o que implica o confronto criativo com a matéria que dá forma simbólica, [...]. Neste confronto artístico, há em nós uma sensibilidade vigente que atenta também para o que é imprevisível, que nos conduz ao aproveitamento dos acasos, incorporando-os ao processo de criação, tanto no sentido de acréscimo como no de ruptura/início de novas possibilidades no fazer artístico.

A criação artística desvela em imagens – sonoras, visuais, cênicas – o nosso modo singular de captar e poetizar a realidade.

Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reapresenta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, [...] (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998, p.57)

Por isso é interessante o aproveitamento do acaso ao processo criativo. Novamente peço licença a você leitor, para relatar um fato que aconteceu comigo, que é relevante para esta história de acaso.

Lembro-me muito bem de um coelho de argila que eu havia feito para a disciplina de Introdução às diferentes linguagens artísticas, com a professora Édina Regina Baumer. Eu sem saber ainda lidar com a argila fiz o coelho maciço e o coloquei em cima de uma placa de madeira pintada de branco, mas como eu moro longe da Unesc, à pelo menos uma hora de ônibus, nos solavancos da viagem, o coelho que ainda não estava seco, sofreu rachaduras e a sua cabeça se descolou do corpo.

Na hora da apresentação do trabalho, eu estava chateada com o acontecido, afinal eu tinha me dedicado bastante na modelagem do animal. A professora Édina, disse palavras que jamais vou me esquecer, naquele momento eu fruí. Ela olhou bem pra mim e disse que não havia motivos para preocupação, pois a arte é assim, ela se modifica. Nunca esquecerei essas palavras e sempre que surgem acasos como este, as uso. Então, o acaso, o imprevisto agiu no meu trabalho, pude experienciar e fruir este acontecimento.

3 CAPÍTULO II

CAINDO NA TOCA DO ENSINO DA ARTE

- Desde que eu caí naquela toca de coelho, só escuto me dizerem o que eu devo fazer e quem eu devo ser. Eu fui encolhida, esticada, esfolada, escondida num bule de chá. Eu fui acusada de ser a Alice, de não ser a Alice, mas esse sonho é meu. Eu vou decidir pra onde ir a partir de agora.

(Conversa entre Alice e o cão Beiard)

A arte e seu ensino têm o propósito das experimentações, onde o aluno tem a oportunidade de manter o contato com diversas linguagens e também com diferentes artistas. Através disso e utilizando uma variedade de materiais alternados, o aluno pode ir construindo assim sua própria linguagem, o seu próprio fazer artístico, possibilitando sua expressão, no meio e no contexto em que vive.

Sabemos que o papel do ensino da Arte nas escolas, não é formar artistas, e sim sujeitos capazes de formar opiniões críticas e culturais, que tenham um olhar ampliado sobre a sensibilidade, a reflexão, a imaginação e a percepção. É o que nos diz os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 19):

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

É preciso provocar uma atitude reflexiva nos alunos em arte, tanto sobre as imagens visualizadas, quanto aos trabalhos produzidos, para que se sintam estimulados a quererem produzir, além de oferecer possibilidades de vivenciar, conhecer e criar.

Para Martins, Picosque e Guerra (1998, p.13 - 46)

Ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da

produção artístico estética da humanidade, compreendendo-a histórica e culturalmente. Esses três campos [...] denominados produção fruição e reflexão.

Pensar o ensino de arte é, então, pensar na leitura e produção na linguagem da arte, o que, por assim dizer, é um modo único de despertar a consciência e novos modos de sensibilidade. Isso pode nos tornar mais sábios, seja sobre nós mesmos, o mundo ou as coisas do mundo, seja sobre a própria linguagem da arte.

A arte nos mostra não só o povo que somos, mas os costumes de várias culturas. A nossa cultura é a nossa identidade e é pela tal, que somos reconhecidos no mundo inteiro, somos ricos em diversidade. É nesta mistura que surge o povo brasileiro, que é formado por várias cores, ritmos, que juntos formam uma única nação. Então, a arte pode nos proporcionar conhecer vários mundos, várias possibilidades, além de conhecer o outro.

A comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dão apenas por meio da palavra. Muito do que sabemos sobre o pensamento e o sentimento das mais diversas pessoas, povos, países, épocas são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de suas músicas, teatro, poesia, pintura, dança, cinema, etc... (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998, p.14)

Os professores de arte são peças estimulantes no desenvolvimento ao reforço do espírito criador dos alunos, apoiando, trocando ideias com eles, para que desencadeie a sensibilidade e o desenvolvimento de atitudes positivas em relação ao eu e a arte, fazendo com que as experiências artísticas se tornem significativas e compensadoras. Os alunos precisam ser instigados, indagados, e estimulados a criarem em arte, como meio de identificação e o professor de Arte pode proporcionar tais condições que tornam a experiência artística dos alunos empolgante e compensadora.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 2001, p.19).

É necessário aprendermos sobre arte, ela faz parte do desenvolvimento do ser humano, da cultura. Desde crianças até chegarmos à

idade adulta estamos em permanente contato com a arte, sendo como observadores ou como criadores, ela aparece em todos os lugares e a todo o momento.

Pessi (2011, p.30), complementa dizendo que: “A arte é matéria de formação cultural. A arte cria sentidos para ler o cotidiano. Por meio dela, janelas se abrem e nossos olhos lançam nossa cultura sobre a cultura que está lá fora e nos convida a participar dela, direta ou indiretamente.” E finaliza (p.31) “[...] a arte está por toda parte”.

Os professores de arte, formados em artes visuais, têm possibilidades de aprimorarem-se, pois a arte está sempre em movimento e em transformação contínua. As aulas de arte abrem espaço aos alunos para que desenvolvam sua capacidade criadora, ao mesmo tempo em que contribuem para despertar a percepção, sentir a fruição e desenvolver a criatividade.

Cabe aos professores se utilizarem da provocação do imaginário, como ferramenta de ensino/aprendizagem. E mesmo essa imaginação, utilizada como ferramenta para haver o aprendizado produtivo, precisa ser usada e direcionada com disciplina. Conforme Egan (2005, p.5)

Isto significa, naturalmente, que há uma constante tensão na educação entre ensinar as convenções pelas quais os alunos terão que viver e estimular as capacidades que os ajudam a ganhar algum tipo de liberdade mental diante dessas convenções – tornando-as ferramentas ao invés de restrições.

Com a arte, na arte, podemos imaginar e inventar. Na escola ela pode ensinar os alunos a verem e a produzirem por meio de exercícios artísticos, e desta forma poderão senti-la. Irão perceber que ela provoca mudanças e nos leva à direções imprevistas, estimula o nosso imaginário, através das fissuras na realidade, é o movimento de reinventar, de despertar novos olhares para as variadas formas de expressá-la, através da sensibilidade e das vivências. Através da arte, os alunos podem enxergar as novas e variadas possibilidades, também podem causar estranhamento, estabelecer o conhecimento cultural, e as relações e reações com potenciais criativos, é só se permitir sentir.

Para Martins, Picosque e Guerra (1998, p.54),

Na linguagem da arte há criação, construção, invenção. O ser humano, através dela, forma, transforma a matéria oferecida pelo mundo da natureza e da cultura em algo significativo. Atribui significados a sons, gestos, cores com uma intenção, num exercício que mais parece um jogo de armar, um quebra-cabeça no qual se busca a forma justa. Vários caminhos são percorridos, várias soluções são experimentadas, num processo de ir e vir, um fazer/construir lúdico/estético que, embora comparado a um jogo, tem a diferença de que esse jogo e suas regras são inventadas enquanto se joga e por quem joga.

É na sala de aula, no exercício artístico, provocado pelo professor, que o aluno tem a oportunidade de conhecer novos materiais, novas possibilidades para o uso da imaginação despertando o olhar sensível, para o seu trabalho assim como para os dos colegas. Assim, poderá ter conhecimento das ideias que cada um teve no ato da poética, tendo a oportunidade de fruir, relacionando com o conhecimento já adquirido. Para Egan (2005 p. 9) “Somente o conhecimento que está em nossa memória é acessível à ação da imaginação.” Ainda concordando com essa escrita: Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 162), afirmam que

Quanto mais o aprendiz tiver oportunidade de ressignificar o mundo por meio da especificidade da linguagem da arte, mais poder de percepção sensível, memória significativa e imaginação criadora ele terá para formar consciência de si mesmo e do mundo. Desvelar/ampliar, como termos interligados, são ações que se auto-impulsionam, como pólos instigadores para poetizar, fruir, conceituar e conhecer a arte elaborando sempre novas relações com o já sabido.

Acredito também na importância de ser inserida na vida escolar, nas aulas de arte, as histórias como por exemplo meu contato com Alice no País das Maravilhas (que eu considero tardio), pois é no contato com estas narrativas que os alunos criam capacidades para criar outras. Egan (2005, p. 11) concorda dizendo “A redescoberta da mente narrativa nos encoraja a prestarmos maior atenção à imaginação, porque a imaginação é mais evidente na composição de narrativas e na percepção de sua coerência.” Então ouvir histórias é como se fosse um treino básico para a imaginação.

Girardello (2005, p. 5) também fala das histórias, que são importantes para o desenvolvimento da imaginação

Todos nós sabemos o quanto as histórias permitem o exercício constante da imaginação, o vôo para o mundo paralelo onde, por meio do prazer poético, as crianças estão, na verdade, “trabalhando”, ou seja, cumprindo sua tarefa fundamental de conhecer o mundo e de construir a si mesmas. A narrativa é uma ponte entre a imaginação e a cultura.

Essa oportunidade que o aluno deve ter para ressignificar o mundo, deve ser proposta pelo professor. Ele pode oferecer esta oportunidade, bem como estimulá-lo e questioná-lo para que o mesmo busque na sua imaginação, no seu *bauzinho*, suas referências, para que haja a criação no exercício artístico, no modo escolhido pelo aluno, sem interferência do professor.

4 CAPÍTULO III

QUEM DECIDE O QUE É APROPRIADO?

- Se decidissem que o apropriado é usar um bacalhau na cabeça, a senhora usaria?

(Frase dita por Alice à sua mãe Helen)

Este título provocativo vem para instigar na pesquisa uma reflexão sobre cultura e repertório cultural, que ao meu ver, estão diretamente relacionados à imaginação e a arte. Peço licença a você leitor, para relatar algumas cenas do filme *Alice no País das Maravilhas*⁴, de Tim Burton, (2010), que tratam destes referidos temas e abrem espaço para reinventarmos nosso olhar para a cultura.

Alice e sua mãe deslocam-se de charrete, para uma festa, é ali que as duas conversam, sugerindo certa discussão. A mãe tenta arrumar os cabelos da jovem Alice que pergunta:

- Temos que ir mesmo? Duvido que eles notem se não formos.

E a mãe responde:

- Eles vão notar.

Quando termina esta fala, a mãe de Alice, passa sua mão pelo vestido da filha, fica brava e diz:

- Onde está seu corpete?

Alice só a olha, respirando fundo, então a mãe acaba levantando o vestido azul da jovem para conferir e continuando sua indignação, repara nas meias que Alice está usando e observa:

-Essas meias não são compridas.

Alice rapidamente diz:

-Sou contra meias compridas.

⁴ BURTON, Tim. **Alice no País das Maravilhas**. Produção: Tim Burton, Joe Roth, Jennifer Todd, Suzanne Todd e Richard D. Zanuck. Walt Disney Studios. 2010. 1 DVD (109 min), son. Estados Unidos da América.

A mãe continua dizendo:

- Não está vestida apropriadamente.

E Alice:

- Quem decide o que é apropriado? Se dissessem que seria apropriado usar um bacalhau na cabeça, a senhora usaria?

A mãe respira fundo e diz:

- Alice...

E a jovem continua:

- Pra mim, corpete é como um bacalhau!

A mãe pede:

-Por favor, hoje não!

E ela diz:

- Papai teria rido... Desculpe, estou exausta, eu não dormi direito ontem.

A mãe se preocupa e pergunta:

- Teve pesadelos outra vez?

Alice responde:

- Eu só tive um, é sempre o mesmo desde que comecei a ter. Acha isso normal? As pessoas não têm sonhos diferentes?

Balançando a cabeça negativamente, a mãe responde:

-Eu não sei!

Tentando mudar de assunto, a mãe retira um colar do seu pescoço e põe no de Alice, como se fosse um amuleto da sorte, ou a fim de embelezar mais ainda a jovem, que se mostra desanimada, pálida e com olheiras por não ter dormido direito. Dizendo.

- Pronto. Você está bonita. Consegue ao menos sorrir?

Alice dá um leve sorriso para contentar a mãe, mas logo o desfaz.

Chegando ao lugar da festa as duas andam rápido para cumprimentar o casal de anfitriões. O homem estava calmo, enquanto a mulher estava muito brava pelo atraso das duas e disse:

- Até que enfim, achamos que você nunca viria. Alice, Hamish está esperando pra dançar com você. Vá até ele.

Quando Alice sai, a mulher agora se dirige a mãe dela:

-Sabia que já se passam das 16 horas? Agora tudo terá que ser feito às pressas.

A mãe de Alice desculpa-se:

-Eu sinto muito!

E ela, muito brava revida já saindo:

- Não me importa.

O marido é mais brando quando diz:

- Perdoe minha esposa, ela planeja este evento há mais de vinte anos.

Alice não sabia, mas aquela era sua festa de noivado.

Neste trecho do filme podemos ver claramente a revelação da cultura da época. As moças deveriam usar corpete, meias de acordo com cada ocasião. Os vestidos eram volumosos. Os homens também tinham que estar bem vestidos. Os cabelos das mulheres sempre estavam arrumados. Também podemos perceber a postura das pessoas. Os casamentos eram arranjados pelos pais e o pedido era feito no coreto do jardim, enquanto isso uma pintura dos supostos noivos, ia sendo feita, além disso, todos os convidados ficavam observando, como se tudo aquilo fosse um grande show.

Nas cenas seguintes Alice e Hamish, dançam. Os passos, são sincronizados, acredito se tratar de uma dança da cultura de Londres, onde a história acontece.

A jovem devaneia durante a dança, distraíndo-se e Hamish a repreende dizendo que seria bom se ela guardasse a imaginação dela, só para ela e quando tivesse dúvidas, era para ela ficar em silêncio, além de dizer que ela perde o seu tempo pensando em coisas impossíveis.

Hoje em dia as coisas aparentemente não acontecem mais como na época retratada no filme, como na questão do casamento arranjado, das roupas regradas, e apropriadas para cada ocasião, do cabelo sempre com penteados, isso acontece, pois a cultura está se modificando ao longo dos tempos, de geração em geração.

Para entrar mais a fundo nesta questão cultural, trago o conceito de cultura, segundo Houaiss (2004, p.204)⁵: 1) ação ou efeito de cultivar a terra; cultivo; 2) criação de certos animais; 3) produto de tal cultivo ou criação; 4)

⁵ Minidicionário Houaiss da língua portuguesa / organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2,ed.rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004

conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes, atividades etc. de um grupo social; 5) forma ou etapa evolutiva das tradições e valores de um lugar ou período específico; civilização; 6) conhecimento; instrução.

Estas palavras trazidas do dicionário para explicar cultura, tornam-se importantes e necessárias a esta pesquisa, trago-as para situar você leitor, sobre o conceito de cultura.

Quando nós nascemos, já somos inseridos automaticamente em uma cultura. Vamos herdá-la desde o primeiro contato com a nossa família. Herdamos os hábitos, a arte, as leis, os costumes, os comportamentos, as crenças, a religião e somos adaptados ao mundo conforme o conhecimento e a experiência, acumulados pela cultura a qual pertencemos.

Na sociedade em que vivemos, seguimos os padrões culturais. Vivemos em um país onde a cultura é muito diversa, pois aqui existe uma fusão de diferentes povos, Cada um traz um pouco de cultura de onde vem e é nesta mistura que se encontra a diversidade cultural brasileira, à qual somos adaptados diariamente.

O modo como vemos as coisas é diretamente influenciado pela cultura que vivemos, pelos padrões estabelecidos por ela. Todos tentam se encaixar na sociedade como se fossem peças de um quebra-cabeças cultural. Quando alguma dessas peças não se encaixam, por seguirem outra cultura ou apresentarem outros comportamentos, acabam por não serem bem aceitas pela sociedade em geral, gerando opiniões desencontradas. Não ser uma peça deste quebra-cabeças, é estar fora dos padrões estipulados pela sociedade, que por sua vez, matem uma postura unilateral sobre a maneira mais correta de viver. É o que nos diz Laraia, (2005),

[...] o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidencia das diferenças linguísticas [...]

Através da nossa cultura montamos o nosso repertório cultural, mas para falar dele, precisamos mencionar palavras que nos ligam à cultura, são elas: arte, ciência, diversidade, costumes, curiosidades/pesquisa, tradições, gastronomia, vestuário, política, hábitos, inquietações/conflitos, religião,

símbolos/signos, produção humana, identidade, tecnologia, transformações, nasce/cresce/muda, relações interna e externa. Quando recorremos a essas coisas descritas acima, em nossa memória, recorremos ao nosso repertório cultural, ao nosso arquivo ou outro bauzinho, como o referido na imaginação. O repertório cultural é um acervo pessoal.

Somos seres históricos. Nossa história pessoal e cultural está impregnada em nós, determinada pelo tempo e espaço em que vivemos. [...] É como se cada pessoa fosse gerando um “repertório” individual, um conjunto de valores, conceitos, ideias, sentimentos e emoções que vão tecendo uma rede de significações para si. Nessa rede, mesmo sem se dar conta, estão os fios da [...] cultura presentes na pessoa e no grupo ao qual pertence. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998, p.21)

O repertório é um baú de experiências, que podem ser reais ou simbólicas, pertencentes a uma pessoa e/ou um grupo. Quando entramos em contato com uma imagem, uma obra de arte, ela nos provoca alguma sensação. A partir deste contato buscamos certos questionamentos referentes à imagem apreciada, e para eles, possíveis respostas que, geralmente estão associadas aos nossos conhecimentos, ao nosso acervo pessoal, onde associamos a algo já visto, ou seja, buscamos no conteúdo deste acervo pessoal, explicações, para sanar nossas inquietações sobre a obra ou sobre determinado assunto, traçando assim, um entendimento conforme o momento vivido. Sobre isso, as autoras dizem que

Por trás de todas as possíveis sensações, percepções e lembrança despertadas por essa imagem estão experiências e conhecimentos anteriores. [...] Nossa história pessoal e cultural está impregnada pelo tempo e espaço em que vivemos. [...] É como se cada pessoa fosse gerando um “repertório” individual, um conjunto de valores, conceitos, ideias, sentimentos e emoções que vão tecendo uma rede de significações para si. [...] No contato com qualquer objeto, pessoa, conceito ou obra de arte, mesmo que inconscientemente, as experiências passadas geram relações. (MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998, p.21)

Um exemplo bem prático de explicar isso é a música. As sensações que temos ao ouvirmos algumas músicas envolvem de certa forma o gosto pessoal, às vezes gostamos, ou não. Às vezes ela nos impulsiona à felicidade, às vezes à tristeza. Ela pode emocionar, pode nos dar a sensação de prazer ou até mesmo repulsa. Isso acontece, por algo bem particular, o gosto, a maneira

como fomos criados, as próprias raízes culturais, a forma como cada um entende e sente a vida, o que é comum à cultura a qual pertence.

Então, para concluir, o repertório cultural é como o *bauzinho* da imaginação, quanto mais experiências tivermos armazenadas nele, maior e mais fácil será a nossa interpretação sobre as coisas analisadas. É o que dizem Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 22),

Portanto, as *referências* pessoais, fundadas nas experiências individuais, e as *referências* culturais, nascidas no convívio com a cultura de seu entorno, direcionam o poetizar/fruir/conhecer arte, levando-nos a fabricar sentidos, significações que atribuímos ao que estamos observando. Quanto mais referências tivermos, maiores e diferentes as possibilidades e perspectivas para análise e interpretações.

Podemos dizer então, que as referências de vivências e experiências que carregamos culturalmente, transformam a nossa maneira de ver e sentir as coisas que estão ao nosso redor e que quanto maior for este baú das referências, vai ser melhor, melhor e diferente as avaliações que vamos fazer do mundo ao nosso redor.

5 CAPÍTULO IV

O CAMINHO PARA SE CHEGAR: A METODOLOGIA

- *É melhor seguir seu caminho!*
- *Que caminho? Tudo que eu quero é acordar logo deste sonho!*
- *Ótimo, eu levarei você até a lebre e o chapeleiro. Isso e nada mais!*

(Conversa entre o gato risonho, Cheshire e Alice)

A presente pesquisa tem características descritivas, conforme Gil, 2002, p.42, “As pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre as variáveis”. Envolveu a descrição e análise de dados coletados em uma oficina denominada: *Desenhos em todos os sentidos: dando asas às maravilhas da imaginação*, realizada com adolescentes.

Esta pesquisa é caracterizada com base nos procedimentos adotados para a análise dos dados como de abordagem qualitativa. Tem por método científico o fenomenológico e tem por título: *O adolescente e a ação do imaginário*.

Como problema a pesquisa traz: Como se dá a produção artística dos adolescentes por meio da provocação do imaginário mediante diferentes referências culturais? Seu objetivo geral é refletir sobre as produções artísticas dos adolescentes na presença de diferentes referências culturais enquanto algo que alimenta seu imaginário.

O caminho pensado para atingir a objetivo geral da investigação passa por outros objetivos chamados específicos, que são: realizar um levantamento bibliográfico abordando os temas: adolescentes, imaginação, repertório cultural, ensino da arte e processo criativo; elaborar uma pesquisa de campo envolvendo adolescentes a fim de perceber se suas produções artísticas são alimentadas pelo contexto cultural; apresentar um projeto de curso, que possa interessar na realidade pesquisada.

A pesquisa é de natureza básica. Quanto aos procedimentos técnicos, é classificada como pesquisa bibliográfica e de campo. O campo é

caracterizado pelo espaço de narrativa criado a partir das conversas com os adolescentes durante suas produções na oficina: *Desenho em todos os sentidos: Dando asas às maravilhas da imaginação*.

Os espaços de narrativa são experiências únicas para um pesquisador, o contato de perto com o outro, sem tantas formalidades e palavras pensadas de um simples questionário. Ele prioriza os momentos, as palavras que surgem no momento da conversa, é um espaço de troca. Sobre isso Leite (2008, p.138), nos diz que devemos “[...] ressignificar o próprio conceito de narrativa para além da oralidade e/ou da leitura e escritura. Não como um modelo a ser seguido, mas com a experiência vive em diálogo com a teoria”.

Estes espaços devem ser mantidos para que haja percepção, imaginação, troca de conhecimento através de debates e sob diferentes pontos de vista, afinal, como já vimos aqui, cada um tem uma experiência pela cultura em que está inserido.

Como não é de importância para esta pesquisa tratar os adolescentes pelos seus verdadeiros nomes, pedi que cada um criasse um nome imaginário, um nome pelo qual gostariam de serem chamados neste espaço de oficina.

Os nomes trazidos por eles foram: Suzucki, Doritos, Lia, Catgirl, Lokura, Cereja e Morango.

5.1 PORTA TRANCADA, CHAVE NAS MÃOS E O TAMANHO PERFEITO PARA ATRAVESSÁ-LA: A OFICINA CONTADA

*- A única forma de alcançar o impossível é acreditar que
é possível!*

*(Frases ditas pelo pai de Alice a ela, enquanto
conversavam sobre seus pesadelos)*

Desde o início da pesquisa pensei em fazer uma oficina, pois acredito ser muito mais significativo para mim, a pesquisadora, este contato mais direto com os alunos e por eu ter feito parte de uma oficina de uma colega que se formou no ano passado. Fiquei tão encantada com aquela vivência que

desde lá, já pensava que na minha pesquisa isso também tinha que se fazer presente.

Como não sou muito boa em elaborar cartazes fiz um convite no programa Word mesmo. Quando os imprimi, já coloquei o nome de alguns alunos atrás. Depois disso, fui procurá-los, conversei ao todo com 15 alunos. Alguns na hora da entrega já me avisaram que não poderiam ir.

Figura 2 – Convite elaborado pela pesquisadora

CONVITE ESPECIAL

Olá, gente amada!

Eu, Kamilla da Silva Rovaris, acadêmica da 8ª fase, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, UNESC, venho por meio deste, convidá-lo(a) a participar da oficina:

DESENHO EM TODOS OS SENTIDOS: DANDO ASAS ÀS MARAVILHAS DA IMAGINAÇÃO

que acontecerá nos sábados dias 22/09/2012 e 29/09/2012, no período das 14hs às 17hs e 30min, na Escola Municipal de Educação Básica Arizona.

Vamos fazer exercícios de muita imaginação, onde poderemos juntos, encontrar coisas, inventar e criar outras. Você vai mergulhar no imaginário e estar entre as bolhas da imaginação e vai poder descobrir as suas maravilhas!

Confirme sua presença pessoalmente, ou pelos telefones: 3535-1017 ou 9616-8087.

OFICINA GRATUITA!

Material para Oficina:

- Coisas que você mais goste: Livros, filmes, imagens, jogos, brinquedos, CDs ou pen-drive com as suas músicas favoritas;
- Câmera fotográfica digital, com cabo, quem tiver leve;
- E o mais importante:

“ Leve sua imaginação e não esqueça suas asas”
(Déise Pessi)

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Planejei e elaborei estratégias onde cada aluno, segundo Leite,

(2008, p.3), “pudessem participar de tal forma que se constituíssem não como objeto de estudo, mas como sujeitos co-participantes destes estudos. A estes encontros [...] chamamos espaços de narrativa.”. É neste espaço que acontece uma troca entre os adolescentes e a pesquisadora, é onde experiências são compartilhadas.

Leite, (2008, p.10), ainda diz que, “favorecer um espaço de narrativa é compreender o papel do outro na construção de significados; [...]”

No dia da oficina, cheguei à escola às 13h30min a fim de arrumar a sala, instalar o data-show, e espalhar alguns poemas de Manoel de Barros propositalmente pela sala antes que os alunos chegassem, mas houve um contratempo com a chave do portão, não abria de jeito nenhum. Os alunos foram chegando e o tal do portão nada de abrir. Eu já estava nervosa, quando nos apareceu uma solução, não foi a mais confortável, mas foi o que nos ocorreu no momento. Uma criança que estava passando por ali pulou o muro, disse que tinha uma abertura na grade, então todos passamos por ali, sabendo que não era a coisa mais correta a ser feita.

Entramos todos juntos na sala. Pedi alguns minutos para eu organizar os instrumentos que iam ser usados para coleta de dados. Estes que foram de extrema importância para a realização desta pesquisa, pois sem eles seria impossível lembrar-me de todas as falas deles, e utilizar as imagens produzidas por eles. Então foram eles: câmera fotográfica, câmera filmadora, e gravador de voz. Utilizados em uma oficina, que oportunizou aos sujeitos pesquisados manifestarem suas opiniões através de suas expressões artísticas.

Segundo Leite, (2008, p. 11), “A dimensão imaginativa está presente e , mais do que isso, é valorizada nos espaços de *narrativa*.” É neste espaço que entendemos que quando os alunos expressam, eles retratam o vivido por eles e por outros e ainda, seu imaginário acerca das temáticas propostas.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram alunos de onze a quinze anos de idade. Um menino e seis meninas, no primeiro encontro e quatro meninas no segundo. São de duas escolas diferentes. Dois alunos, um menino e uma menina da Escola de Educação Básica Jacinto Machado, do 1º ano do Ensino Médio e cinco meninas da Escola Municipal de Educação Básica Arizona, da 6ª série, 7ª série e 8ª série.

Depois que tudo já estava organizado, iniciei me apresentando como aluna e pesquisadora do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, e falei um pouco sobre a oficina.

5.2 A OFICINA CONTADA: CONHECENDO AS COISAS.

- Você parece ser tão real. Às vezes eu esqueço que tudo isso é um sonho!

(Alice sobre a lagarta azul, Absolem)

Segundo o convite que lhes foi oferecido, pedi que, no primeiro dia, trouxessem as *coisas* que mais gostassem como: os livros, os filmes, as imagens, os jogos, os brinquedos, os CDs ou pen-drives com as suas músicas favoritas. O primeiro momento da oficina foi para reconhecermos tais coisas.

Então, como percebi que eles estavam muito tímidos para darem início à nossa conversa, decidi, para incentivá-los, apresentar as *coisas* que eu mais gosto primeiro, para que depois da minha fala, cada um apresentasse as suas *coisas* preferidas.

Iniciei mostrando o protetor de tela do meu notebook com a imagem do chapeleiro maluco, contando que sou apaixonada pelo filme da Alice no País das Maravilhas, do diretor Tim Burton e que o mesmo me inspira muito na hora da minha produção artística. Também contei que gosto também de outros filmes que também tratam com especial atenção a imaginação.

Deixei disponível, o data-show, caso fosse necessário. Em seguida conversamos sobre as coisas trazidas, por eles.

Foi um momento bem legal, pude perceber o interesse dos alunos em conhecer as coisas que os outros trouxeram e fazer um comparativo com as suas coisas preferidas.

5.3 A OFICINA CONTADA – EXPRESSANDO LIVREMENTE: NÃO É UM SONHO É UMA MEMÓRIA!

- Sabe que dia é amanhã, não sabe?

- Sei, Glorianday. Como eu esqueceria! Eu queria acordar!

(Conversa entre o Chapeleiro Maluco e Alice)

No segundo momento, pedi que desenhassem livremente coisas que gostassem, não os limitei, era propositalmente um desenho livre. Deixei disponível sobre uma mesa, vários tipos de materiais como: folhas recicladas, papéis artesanais, folhas de agenda telefônica, folhas de livros antigos, canetinhas hidrocores, lápis de cor, lápis aquarelável, tintas guache, pincéis, cola colorida, carvão, giz de cera, giz pastel seco e oleoso, cola, fita adesiva, enfim, materiais para o livre exercício artístico deles.

Dado um tempo para que concluíssem a atividade solicitada, pedi para que cada um apresentasse sua produção, explicando o porquê de cada coisa desenhada, para que fosse possível minha análise posterior. Assim encerrando esta etapa da oficina.

5.4 A OFICINA CONTADA – ACHANDO DESENHOS NAS COISAS: PERMITINDO-SE À IMAGINAÇÃO, O SONHO ESTÁ LIBERTO.

- *Algumas vezes eu acredito em seis coisas impossíveis antes de tomar café.*
- *Seis coisas impossíveis, conte Alice!*
- *Essa é uma excelente prática. No entanto, neste momento acho melhor se concentrar no Jaguadarte.*
- 1^a *Tem uma poção que faz você encolher;*
- 2^a *Tem um bolo que faz você crescer;*
- 3^a *Animais sabem falar;*
- 4^a *Alice, Gatos podem desaparecer;*
- 5^a *O País das Maravilhas existe,*
- 6^a *Eu posso matar o Jaguadarte.*

(Conversa entre Alice e o Chapeleiro Maluco e de Alice com ela mesma)

O terceiro momento do nosso encontro foi destinado a conhecer um pouco do poeta Manoel de Barros, uma parte do DVD Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros⁶, onde nos é mostrado o exercício de achar desenhos nas coisas.

Neste momento, expliquei como aconteceria a nossa última atividade do dia. Iríamos fazer o exercício de achar desenhos nas coisas, no pátio da escola, pedi que observassem tudo com bastante atenção e que não

⁶ DVD Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Produtora: Deslimite Filmes / Artezanato Eletrônico. São Paulo, 2009.

compartilhassem este desenho achado com os colegas, pois o momento de socialização seria no próximo encontro. Para isso utilizamos as câmeras digitais que eu havia pedido para eles trazerem. Por precaução eu trouxe duas câmeras a mais, caso alguém precisasse. Com todos munidos de câmeras, saímos da sala para fazer estes exercícios de procurar desenhos nas coisas.

Como eu estava preparada para receber mais adolescentes na oficina, pedi para que cada adolescente encontrasse dois desenhos. A saída ao campo foi muito divertida. Dava para perceber o entusiasmo deles, batiam a foto e vinham correndo me mostrar, fazendo suspense aos demais colegas. A atividade levou uns trinta minutos, que passaram rapidinho.

Quando todos já haviam capturado as suas imagens, fomos retornando a sala, todos com as câmeras, entregando-as para que eu passasse para o meu computador, pois alguns tinham tirado mais fotos e precisavam escolher as certas de acordo com a qualidade da imagem. Todos estavam em volta, tentando ver as imagens do outro. A curiosidade estava presente no momento final da oficina em seu primeiro dia, de fato isso é bom. Combinei de trazer as imagens, impressas no próximo encontro.

Foi um momento muito interessante, quando elas saíram da sala e começaram a procurar estes desenhos nas coisas, à medida que iam achando vinham e me mostravam, empolgados com o exercício da imaginação.

5.5 A OFICINA CONTADA – REVELANDO OS DESENHOS NOS ACHADOUROS: ELEMENTOS MÁGICOS E CRIATURAS ESTRANHAS

*- Isso é impossível
- Só se você acreditar que é!*

*(Conversa entre Alice e o
Chapeleiro Maluco)*

No segundo encontro compareceram apenas quatro alunas, o que foi bem interessante, pois elas se mostraram mais à vontade comigo.

Retomamos as fotografias feitas no último encontro. Entreguei uma pasta transparente com canaleta, para que cada imagem fosse colocada nesta pasta, disponibilizei canetas permanentes e pedi para que cada aluno escolhesse a sua fotografia e mais outra, que pertencia aos colegas do

encontro passado, que não vieram. Pedi que olhassem atentamente e só pegassem se vissem algum desenho nas imagens.

Cada uma olhou atentamente e separou as imagens, Depois pedi a cada adolescente para desenhar na capa transparente com as canetinhas permanentes, o desenho que viu nas coisas.

Na sequência socializamos as imagens que foram tiradas e mostramos as demais participantes da oficina, para que cada uma fosse exercitando sua imaginação e falando sobre o olhar que tiveram sobre as imagens apresentadas.

Quando todas as opiniões foram dadas, sobre as imagens mostradas, cada adolescente revelava o seu olhar através do desenho.

A empolgação das meninas durante o percurso desta atividade dava de se perceber. Todas atentas as imagens, tentando estimular sua imaginação para que alguma coisa fosse vista. Sorrisos apareciam a todo momento.

5.6 A OFICINA CONTADA – MARAVILHA DE CRIAR UMA CHINFORINFOLA: A IMAGINAÇÃO É FÉRTIL

- *Ainda acredita que está sonhando Alice?*
- *É claro. Tudo isso vem da minha mente.*
- *Significa que eu não existo?*
- *Infelizmente sim. Você é fruto da minha imaginação. Eu sonhava com alguém meio louco.*
- *Sim, sim, mais você também teria que ser meio louca, pra sonhar comigo!*
- *Então eu devo ser!*

(Conversa entre o Chapeleiro e Alice)

Seguindo nosso encontro, mostrei às adolescentes, um episódio do *Chaves*⁷, personagem já conhecido por todas, mas pedi que vestissem os óculos da imaginação. O vídeo relata um momento de imaginação do personagem Chaves que produz um desenho abstrato. O professor analisa o desenho, vira para um lado, vira para o outro e pergunta o que representa aquele desenho. Chaves diz que é uma Chinforinfola, algo criado por ele. Inventou uma coisa que existe só no mundo da imaginação dele.

⁷ Um programa de origem Mexicana, criado por Roberto Gómez Bolaños, que também interpreta o personagem. Ele conta a vida de um menino órfão chamado Chaves, que mora dentro de um barril, numa vila com vizinhos muito peculiares.

Como atividade, propus que eles buscassem elementos em seu repertório de imaginação, para criar o que para elas seria uma Chinforinfola através do desenho, com os materiais disponibilizados. Depois pedi que apresentassem a sua Chinforinfola às colegas de oficina.

5.7 A OFICINA CONTADA – AS MARCAS QUE DEIXAMOS: CRENDO NO VALOR DO PENSAMENTO IMAGINATIVO.

- País das Maravilhas. Nada disso foi um sonho, foi uma lembrança! Esse lugar existe, assim como você e o chapeleiro.

(Fala de Alice à lagarta azul, Absolem)

O terceiro momento ocorreu da seguinte maneira, entreguei uma folha branca a cada participante e pedi que a acomodassem no chão, na sequência pedi que pisassem na folha uma única vez, com firmeza, deixando uma marca na folha, a do seu sapato. Depois com a folha já na mesa, pedi que usassem a imaginação para criar algo a partir da marca deixada. Disponibilizei os materiais para a criação e depois que todos terminaram, pedi que apresentassem o seu desenho feito com a sua marca de sapato e muita imaginação.

Finalizando a oficina. É importante dizer que nestas atividades que foram propostas, neste espaço de narrativa, pude proporcionar aos adolescentes momentos em que pudessem refletir para a criação, a partir de exercícios artísticos, através de estímulos das potencialidades imaginativas de cada um. Os espaços de narrativas propostos aqui, segundo Leite (2008, p. 130) “são espaços de criação de sentidos, espaços de troca, e produção de conhecimento, [...]”, onde se busca o imprevisível, a espontaneidade, e principalmente o estímulo da imaginação criativa.

Também sobre os espaços de narrativa nos fala Honorato (2008 p.7)

A importância dos espaços de narrativa para a pesquisa, se dá por ser um espaço de troca entre os sujeitos e o pesquisador. Na verdade, eles se constituem como uma forma diferenciada de ouvir o que, num momento de entrevista estruturada, não é dito.

Desde o início não conseguiria ver esta pesquisa sem estes espaços de narrativas, pois este contato, onde ninguém é maior do que o outro, sem classificações, das falas informais, e sendo todos nós iguais nas nossas conversas informais, sem cobrar nada, foi onde consegui captar o que desejava.

6 CAPÍTULO V

AS VÁRIAS POSSIBILIDADES DO MUNDO SUBTERRÂNEO: UM MUNDO DE FANTASIA - ANALISANDO OS DADOS

Para iniciar este capítulo das análises, é preciso falar qual a minha estratégia de olhar para as falas e imagens trazidas no espaço de narrativa de acordo com o já produzido.

Então, com esta oficina, eu objectivei desconstruir o olhar dos adolescentes para o criar usando o recurso da imaginação, a fim de que abandonassem os estereótipos, ou elementos vinculados à mídia, e ao mesmo tempo que trouxessem coisas de seus repertórios, sem ser algo já pronto, que já pensaram antes, para fazer. Propus esta provocação do imaginário para que cada participante percebesse que é capaz de criar coisas novas.

Trago aqui então algumas falas e imagens pertinentes, referentes à primeira produção realizada na oficina, onde percebo que eles buscam elementos do real e do seu repertório cultural, aliando-os a coisas trazidas por eles como as que mais gostam. Destaco que as transcrições das falas dos adolescentes aparecem em fonte itálico e vêm de forma original, com seus erros ortográficos e vícios de linguagem, respeitando a fala de cada um.

Nesta primeira produção, os percebi, tímidos e sem querer arriscar muito, percebi isso até pelo material escolhido

Suzucki (é assim que a adolescente escreve) trouxe um urso de pelúcia, um carrinho rosa e azul que o pai deu à ela de natal, gibis da turma da Mônica, fotos da família reunida e imagens de suas bandas favoritas: One Direction, Gustavo Lima, e Kate Perry. Também disse que o seu nome imaginário, trata-se de um apelido que os colegas deram a ela, referenciando à moto desta marca, que é muito veloz e ela, segundo ela mesma: “e eu não corro muito rápido”.

Figura 3 – Imagem do desenho feito por Suzucki



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

- *Eu fiz a árvore do amor, porque eu gosto, tipo, das pessoas românticas. E eu fiz, tipo a natureza, porque eu gosto de tá sempre num ambiente que não seja muita poluição. E aqui eu escrevi, tipo, desafios, porque eu gosto. Às vezes eu tenho medo, às vezes eu tenho coragem e aí é isso.*

Após trazer a sua produção e fazer sua fala, percebi que as mesmas, tratavam de temas parecidos, relacionados com os elementos reais, trazidos por ela e também das situações que ela vivencia com a família e com a fase da adolescência, especialmente quando fala dos desafios e da coragem. Vigotski (2009, p.20), fala que “[...] toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa.” Ou seja, ninguém cria algo do nada, tudo que inventamos está vinculado a uma antiga experiência, com materiais vindos da realidade. Vigotski (2009, p.28) ainda fala que “Todas as formas de imaginação criativa contêm em si elementos afetivos.”, como os retratados por Suzucki em seu desenho, com a árvore do amor e com as palavras que ela usa, se apropriando delas, relacionando-as com suas vivências.

Outra participante me chamou a atenção e me fez pensar no tanto que a mídia influencia a produção dos alunos em sala de aula. Doritos nos mostra todas essas referências, desde os elementos que ela traz e que são

vinculados à tecnologia, assim com a sua própria produção. Disse que gostava muito de filmes como “A nova Cinderela” e a saga “Crepúsculo”. Com uma câmera digital, disse que gostava bastante de tirar fotos, também gosta de músicas do tipo pop, que ouve em seu celular, que é indispensável, com os fones de ouvido. O nome imaginário escolhido por ela vem do salgadinho da marca do *Chips*, que ela diz adorar.

Figura 4 – Imagem do desenho feito por Doritos



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

- Bom, eu fiz um sinal de música, porque eu gosto muito, entendeu? Eu botei também o nome de uma série que gosto muito, é *Diários de um Vampiro*. E de um filme que eu também gosto que é a *saga crepúsculo*.

Podemos perceber nesta produção, elementos provindos de meios tecnológicos como a internet, representados por um sinal de igual e um colchete, formando um sorriso. Também é possível notar a influência do mundo dos filmes, com os nomes da série e da saga que a adolescente costuma assistir, ou seja, é um elemento do seu repertório cultural pessoal. No desenho há uma grande cortina, como se os elementos que ela desenhou estivessem atuando em um palco.

O fato de ela gostar tanto destes filmes que ela acaba citando em sua produção, Vigotski (2009, p.28 - 29) nos diz:

As paixões e os destinos dos heróis [...], sua alegria e desgraça perturbam-nos, inquietam-nos e contagiam-nos, apesar de estarmos diante de acontecimentos inverídicos, de invenções da fantasia. Isso ocorre porque as emoções provocadas pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente. Muitas vezes a combinação de impressões externas – por exemplo, uma obra musical – provoca na pessoa que ouve um mundo inteiro e complexo de vivências e sentimentos.

Então, Doritos se apropria de materiais do real, neste caso, os filmes e os traz em sua produção, ou seja, o repertório cultural dela, está aqui a influenciar diretamente esta produção e segundo Vigostki (2009, p. 29) ela os “cristaliza” retornando-os à realidade, “[...] essa imaginação “cristalizada”, que se fez objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre outras coisas.”.

Este é o mesmo caso da adolescente Lia, que escolhe ser chamada assim pelo fato da novela preferida dela e da maioria dos adolescentes, a *Malhação*⁸, ter uma personagem que se chama assim, da qual ela gosta muito. Percebo que aqui trata-se daquela história de quando somos crianças e que assistimos algo na TV e depois saímos em meio a brincadeiras imitando aquele personagem, o modo dele se vestir, o jeito do cabelo...

Catgirl diferentemente de suas colegas, traz apenas a câmera digital com fotos do que ela gosta, mas não as mostra, somente faz uma fala:

- *Sabe, desde pequena, eu gosto muito de Artes e eu tenho um sonho, de ser professora de Artes e eu me inspiro em ti. Fiquei emocionada com a revelação, acredito ter feito algo que a marcou quando fui sua professora. Para a sua produção ela traz um elemento do cotidiano dela, mostrando sua grande paixão e explicando a origem do nome escolhido.*

⁸ *Malhação* é uma série adolescente brasileira, produzida e exibida pela Rede Globo, desde 24 de abril de 1995.

Figura 5 - Imagem do desenho feito por Catgirl.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

- Eu fiz este desenho porque eu amo de paixão gatos. Eu tenho eles desde pequena, minha mãe sempre me deu gatinhos, e me deu permissão para tê-los. Meu pai também adora, nunca maltratamos, e a gente adota gatos. E o nome é por causa dos gatos também.

Catgirl põe em destaque seu amor pelos gatos e transparece isso em sua produção, ela desenha muito bem, percebe a postura do gato, deve o ter observado por algum tempo, mesmo que em sua mente, para conseguir desenhá-lo. Segundo Vigostki (2009, p. 30) “[...] temos diante de nós o círculo completo descrito pela imaginação que os dois fatores – intelectual e emocional – revelam-se igualmente necessários para o ato de criação. Tanto o sentimento quanto o pensamento movem a criação humana.”. O gato foi sistematizado por ela.

6.1 QUANDO ACONTECE A PROVOCAÇÃO DO IMAGINÁRIO: NOVAS SENSACIONES

O imaginário dos adolescentes começou a ser provocado a partir da segunda produção ainda no primeiro encontro. Quando assistimos ao vídeo de Manoel de Barros e fizemos o exercício de achar desenhos nas coisas. Pude atestar isso no segundo encontro, agora com apenas quatro participantes, todas meninas, Suzucki, Doritos, Lia e Catgirl. Neste dia notei que elas estavam mais à vontade. Com as imagens em mãos pude perceber o entusiasmo delas ao desenharem, a empolgação com a atividade, algumas chegaram a dizer: - “Muito legal esta atividade, adorei!” Ou: - “Bem legal, a gente usou bastante a imaginação” Ou ainda: - “Eu nunca imaginei tanto! A imaginação de gente é incrível!”

Percebi que quando o imaginário dos adolescentes é provocado, eles param de fazer os desenhos convencionais, estimulados pelos gostos deles, eles se vêem obrigados a criar, a inventar algo a partir do estímulo que lhes foi proporcionado. É o que vamos ver na sequência através das imagens produzidas pelas adolescentes.

Figura 6 – Fotografia captada por Catgirl



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

A partir desta imagem da fotografia captada por Catgirl, que estava sendo observada e analisada pelas adolescentes a fim de descobrirem ali algum desenho, narrativas foram surgindo. Doritos: - *É uma boneca, eu acho, não sei se é.* Lia também diz: - *É um bonequinho.* Suzucki sem exercitar sua imaginação diz: - *É um pedaço de pau e pronto!* Então eu tive que intervir perguntando onde estava sua imaginação, ela riu, olhou mais uma vez a imagem e disse: - *Metade de uma flor, ó, é sim, olha bem.*

Catgirl revelou o desenho que sua imaginação a fez ver no simples toco de madeira, como sugeriu Suzuki.

- Bom, eu vejo um boneco, só, mas é um boneco especial. Ele é considerado o mascote das paraolimpíadas, que é os jogos que atendem as os deficientes, diz Catgirl, revelando o desenho. Neste momento também compartilhou conosco, que sabia disto e conhecia o boneco, pois pesquisou na internet para um trabalho de Educação Física.

Veja o desenho visto pela adolescente.

Figura 7 – Imagem do desenho feito por Catgirl



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Aqui temos algumas situações pertinentes à ideia de que o imaginário precisa ser estimulado, como o fato da adolescente Suzucki inicialmente não ter visto nada na imagem analisada e posteriormente quando

eu a instigui ela começou a ver algo. Esta busca das adolescentes a procurar algo que possa ser visto naquela imagem aí ao encontro que diz Martins, Picosque e Guerra (1998, p.22), “Como seres humanos, procuramos critérios e princípios para compreender o que vemos.”.

Também notamos que a mídia, através da internet, possibilitou a Catgirl o conhecimento e através dele ela associou, numa representação simbólica, o desenho do mascote das para-olimpíadas, com o toco de madeira. Este boneco das para-olimpíadas já fazia parte do repertório cultural pessoal, o acervo de Catgirl. Para Martins, Picosque e Guerra (1988, p. 23)

Pela representação estética, esses gestos chegam à nossa imaginação, sentimentos e pensamentos carregados de significados.

A arte, pois, não imita objetos, ideias ou conceitos. Ela cria algo novo, porque não é cópia ou pura reprodução, mas a representação simbólica de objetos e ideias[...].

Para referenciar, trago aqui a imagem do mascote das paraolimpíadas de Londres 2012, que na verdade são dois, mais este é o que Catgirl quis representar.

Figura 8 – Mascote das Paraolimpíadas – Londres 2012



Fonte: <http://www.abrilemlondres.com.br/os-mascotes/>

Outra imagem, também capturada por Catgirl, gera comentários e surpresas entre as meninas.

Figura 9 – Fotografia capturada por Catgirl



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Elas falam sobre o que a imaginação delas as fez ver.

Doritos: - Eu vejo uma cara.

Lia: - É, eu também vejo.

Suzucki: - Ui! Eu vejo aquela Samara, de cabelo prá frente. Aquela do filme de Terror.

Lia também entrevistou dizendo: - Parece o desenho da Cláudia, nossa amiga, aquele com as mãos no cabelo, não é Catgirl? Ela responde: - Ah é, é sim. Vou revelar. É um rosto com cabelos longos.

Me intrigou, pois ela não desenhou os cabelos, somente o rosto, afirmou que os cabelos estavam bem aparentes, no líquido derramado no muro e por este motivo não precisava desenhá-los.

Figura 10 – Imagem do desenho feito por Catgirl



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Para esta imagem é possível notar que duas das meninas buscam referências em algo do repertório cultural delas, uma de um filme, outra de um desenho de uma colega. Elas se apropriam de tais conhecimentos e os incorporam na produção da imagem vista. É o que Egan (2005, p.18) nos diz:

“O que é importante em meu argumento é a observação sobre a capacidade que a imaginação tem de habitar, na mesma medida, os objetos externos com os quais ele se envolve. [...] nossa mente conforma-se com a natureza dos objetos que busca incorporar.

Desta forma, quando Suzucki assistiu ao filme, e a Lia viu o desenho da colega, ambas relacionaram esta vivência com a imagem que fora analisada, é como se o mundo que elas vivenciaram, que estava guardada no baúzinho como lembrança, no momento que elas viram a imagem do líquido derramado no muro, através da imagem trazida por Catgirl, a referência que elas tinham surgiu, como uma chave que abrisse o baú. A fala de Egan (2005, p. 19) me remete a isso que aconteceu, a “ capacidade imaginativa de ver o mundo a partir do outro e não da perspectiva limitada dos próprios interesses.”.

Ver através do olhar do outro.

Figura 11 – Imagem da personagem Samara, referenciada por Suzucki



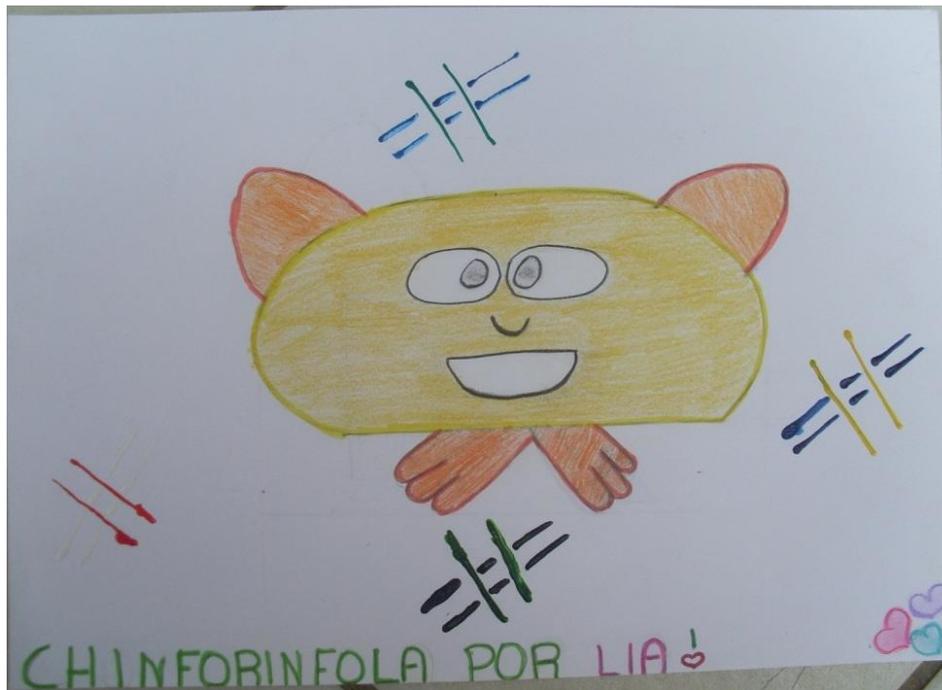
Fonte: http://samara1263.blogspot.com.br/2011/01/crianca-maldita_21.html

6.2 CHINFORINFOLANDO: PROVOCANDO MAIS E MAIS O IMAGINÁRIO

Através desta atividade proposta, percebi que cada vez mais as meninas estavam mais à vontade comigo. Notei isto nas falas delas, nas brincadeiras que surgiam ao longo das proposições, no uso dos novos materiais, arriscaram-se mais ao uso deles, que estavam ali dispostos na mesa desde o outro encontro. Também notei que o estímulo à imaginação foi válido, pelos resultados obtidos. Fiquei surpresa. Esta provocação do imaginário foi feita a partir do episódio do personagem Chaves e sua criação de nome Chinformifola para a aula de desenho com o professor Girafales. Estimulei-as a criar a sua própria Chinformifola.

Mostrarei algumas imagens feitas por elas, seguindo de comentários e minhas observações fundamentadas. Lia se utilizou de papel canson, lápis grafite, canetinhas hidrocores, lápis de cor, lápis pastel seco e cola colorida.

Figura 12 – Imagens do desenho feito por Lia



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Lia: - *Chinforinfola eu acho que é uma coisa estranha. Aí me veio a imagem deste boneco na minha mente e eu desenhei, daí tipo, eu misturei, um sapo, um cachorro e saiu isso.*

Percebemos que Lia usou a sua imaginação na criação da sua Chinforinfola. Inventou uma coisa que não existe, utilizando de recursos imaginários, pois não tinha nenhuma referência em seu bauzinho do repertório cultural pessoal que a dissesse ou mostrasse, mesmo que mentalmente o que seria uma Chinforinfola.

Martins Picosque e Guerra (1998, p.24)

As produções artísticas são ficções reveladoras, criadas pelos sentidos, imaginação, percepção, sentimento, pensamento e a memória simbólica do ser humano. Este, quando se debruça sobre o seu universo interior e exterior, une [...], sua capacidade de operar os meios com sabedoria, com [...], sua capacidade de criação, desvelando verdades presentes na natureza e na vida que ficariam submersas sem sua presentificação. Desse modo, o ser humano poetiza sua relação com o mundo.

A maneira que Lia usou para representar a Chinforinfola, mesmo sem ter ideia de como ficaria no final, os animais que utilizou para fazer a junção, no caso, o sapo e o cachorro, já faziam parte do seu repertório cultural

peçoal. A ideia de juntar os dois é que foi muito imaginativa, dando um resultado/significado muito divertido à palavra. Martins, Picosque e Guerra (1988, p. 24), sobre esta representação, ainda nos diz,

São nossas imagens internas e externas e a influência do pensamento cultural do nosso tempo que nos possibilitam representá-la, enfatizando certos aspectos e excluindo outros, num processo de combinação, na busca de uma imagem figurativa ou abstrata.

A próxima produção foi feita por Catgirl, que utilizou folha ofício branca, lápis grafite e experimentou o lápis pastel seco.

Figura 13 – Imagem do desenho feito por Catgirl



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Catgirl: - *Eu escrevi Xinforinfola com "x", não tem problema né? Eu fiz uma colinha pra não esquecer o que eu vou falar (risos). Bom, fiz este desenho pois queria representar as flores. As quais possuem nomes diferentes e estranhos. Xinforinfola é um tipo de flor.*

Percebemos que mesmo não sabendo do que se tratava esta palavra que foi utilizada para estimular seu imaginário, Catgirl associa que flores têm nomes estranhos e então atribui à elas o nome de Chinforinfola. Sobre isso, Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 25) nos dizem que, “O modo de representação sempre é uma escolha, uma interpretação, envolvendo uma decisão. Os critérios nem sempre são conscientes, mas existem e são pautados também pela cultura.”

A próxima imagem foi feita por Suzucki, que utilizou uma folha de papel canson A4, lápis grafite, cola colorida, tinta guache e caneta hidrocor. Ela explica a forma que pensou para fazer a sua Chinforinfola.

Figura 14 – Imagem do desenho de Suzucki



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Suzucki: - *Eu fiz um significado pra chinforinfola. Chin é tipo, chifre e forinfola eu fiz flor. Já tava com ideia de fazer flor, daí eu fiz uma flor com chifres.*

Ela utiliza também elementos do seu repertório cultural pessoal, as flores e os chifres, modificando-as, unindo-as e transformando em um novo significado.

Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 45, explicam que

[...] em seu fazer artístico, opera com elementos da gramática da linguagem da arte com liberdade de criação, utilizando-os de forma incomum. [...] desvenda infinitas combinatórias num certo jogo com a linguagem. Articulando os elementos que já fazem parte de seu repertório pessoal [...].

Através da sua ideia de unir os elementos já conhecidos, de modo a combiná-los, fazendo aparecer, pela linguagem do desenho, uma forma nova, explicando para ela mesma o que era uma chinforinfola. Com esta atividade, abri espaço várias possibilidades da imaginação se manifestar através de desenhos. Surge então, a criação das adolescentes. Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 54) explicam que “Na linguagem da arte há criação, construção, invenção. O ser humano, através dela, forma, transforma a matéria oferecida pelo mundo da natureza e da cultura em algo significativo.” Com essa provocação do imaginário, várias possibilidades poderiam surgir, através da invenção das adolescentes. E para você, leitor, abro espaço também para que você imagine, pense, o que seria uma chinforinfola?

Com base na experiência desta pesquisa, e seguindo o que exigem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação do professor de arte, sugiro uma proposta de curso que se segue:

TÍTULO:

Arte e educação do imaginário: Imaginando por meio da prática artística.

JUSTIFICATIVA:

O município de Jacinto Machado tem como realidade hoje a carência de professores de Arte habilitados na área. Desta forma professores licenciados em outras áreas do conhecimento e que necessitam ampliar suas cargas horárias de trabalho assumem as aulas de arte da maioria das escolas

da rede municipal e estadual. Olhando para esta realidade pode-se pensar que um dos motivos da desvalorização da disciplina de Arte nas escolas esteja alicerçada aí. Professores não habilitados põem em risco a qualidade do serviço prestado à disciplina. Os alunos precisam da fruição, que é ato de se apropriar dos conceitos existentes em cada conteúdo da disciplina de arte, se o professor ensina só o fazer por fazer, só a técnica, o aluno já não vai produzir conforme seu repertório cultural pessoal e sim conforme o da professora. Martins, Picosque e Guerra (1998, p.81 – 82), nos explicam que essa contextualização tem que acontecer,

O mais importante é que fique clara a necessidade da contextualização histórica e cultural da produção artístico - estética da Humanidade no processo do ensinar/aprender arte, assim como a necessidade da percepção e construção de conceitos artísticos que fundamentem esse contexto. [...] deve ser garantido [...] o direito a esse conhecimento que amplia e aprofunda seu saber artístico, geralmente relegado apenas ao fazer arte, sem informação alguma além da técnica. Um fazer no qual nem sempre o aluno se reconhece, pois falta ali a sua marca de autor e a do seu tempo/espço. Acabam sendo a marca da professora, [...].

Esta situação é preocupante, pois o professor precisa ter conhecimentos em arte, para compartilhar com seus alunos, que irão produzir, conforme a sua experiência, imaginação, percepção, para assim, acontecer de fato, a fruição. As autoras, sobre isso abordam a seguinte questão, “Aprendemos a pensar sobre as coisas. Como intérpretes do mundo, construímos interpretações sobre ele. O que “decoramos” ou simplesmente copiamos mecanicamente não fica em nós.” (p.128). Então o ensinar a técnica ou o fazer pelo fazer, no final das contas não é significativo para o aluno.

A valorização do imaginário dos alunos também é motivo para estar nesta justificativa. Quanto mais os alunos recorrerem à ela, mais criativos ficarão as suas produções e o aprendizado será significativo. É o que diz Vigotski (2009, p. 59), “O ideal é uma construção da imaginação criadora; é uma força ativa da vida somente ao dirigir as ações e os comportamentos do homem, buscando encarnar-se e realizar-se. [...] a imaginação é o impulso para a criação.”.

OBJETIVO GERAL:

Contribuir com o ensino da arte no município de Jacinto Machado por meio da valorização da imaginação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Oferecer suporte para os professores saberem o quanto é importante estimular a imaginação dos alunos;
- Reunir todos os professores que lecionam Arte no município, a fim de estimulá-los; para que estes também estimulem seus alunos para a criação, usando o recurso da imaginação;
- Promover a ampliação do repertório artístico-cultural dos participantes;
- Criação de espaço de troca de experiências entre professores de Arte.

CARGA HORÁRIA:

20 horas, distribuídas da seguinte forma. 10 horas divididas em dois encontros à tarde, no início do ano letivo e mais 10 horas, também divididas em dois encontros à tarde, após as férias de julho.

PÚBLICO ALVO:

Professores de Arte e professores de outras disciplinas que lecionam Arte do município de Jacinto Machado.

METODOLOGIA:

A metodologia desta proposta consiste em dois encontros, no período da tarde, no início do ano letivo e mais dois encontros também à tarde, após as férias de julho. Acontecerá com os professores formados ou em formação em Arte e professores formados em outras disciplinas que lecionam Arte, no município de Jacinto Machado.

A proposta é de elaborar oficinas de criação nas diferentes linguagens da arte, estimulando a cada um e ao grupo como um todo na busca de ampliação de repertório artístico-cultural. Esta ampliação consequentemente afastará a possibilidade de produções presas a estereótipos.

REFERÊNCIA DO PROJETO

MARTINS, Miriam Celeste et al. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo. Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

VIGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

7 CAPÍTULO VI

VOLTANDO DO MUNDO SUBTERRÂNEO E O QUE APRENDI POR LÁ: CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Você podia ficar!

- Que ideia! Uma ideia maluca e maravilhosa.

Mas eu não posso. Existem perguntas que eu tenho que responder, coisas que devo fazer.

Eu voltarei, antes do que você pensa.

- Não se lembrará de mim?

- É claro que me lembrarei, como posso esquecer!

- Boas lonjuras Alice!

(Conversa entre o Chapeleiro Maluco e Alice)

Quando Alice voltou do País das Maravilhas, lembrava-se de tudo que aconteceu lá, e trouxe referências para sua vida. Lembranças estas que a fizeram ter certeza de suas decisões a serem tomadas posteriormente no mundo real.

Os adolescentes, que são o alvo desta pesquisa, estão nesta fase que é de transformações e mudanças interiores e exteriores, e deixam esta questão se sobressair em alguns pontos da análise do espaço em que aconteceu a oficina.

Num ambiente de narrativa, foi proporcionada a busca pela imaginação, através de provocações do imaginário, possibilitando assim a criação. Toda a experiência foi válida, tanto no individual, onde cada um realizou sua produção, quanto no coletivo, onde o grupo pôde imaginar com base no olhar do outro. Esta troca de experiências foi muito significativa para o processo de análise da presente pesquisa.

Foi possível notar nesta pesquisa que assim que o imaginário dos adolescentes foi estimulado/provocado, eles começaram a criar coisas novas, um novo mundo surgiu, mesmo com referências do repertório cultural pessoal deles, surgiram coisas que surpreenderam até mesmo quem as criou.

A arte precisa de criação e se for através da imaginação de cada um, seria muito significativo para cada aluno, que pode colocar as suas

impressões, através de suas referências pessoais.

Com toda certeza, termino esta pesquisa com meu bauzinho das referências pessoais aumentado, pela experiência adquirida durante todo este processo de muitas ações imaginantes e pelo compartilhamento da imaginação.

Neste momento me volto ao problema desta pesquisa: Como se dá a produção artística dos adolescentes por meio da provocação do imaginário mediante diferentes referências culturais? E venho dizer que os adolescentes utilizam seu repertório cultural pessoal, buscando sempre em seu bauzinho, referências para o criar, usando o recurso da imaginação, através da provocação do imaginário. Percebi que sem este estímulo da imaginação, sem esta provocação do imaginário, os alunos buscam desenhar coisas em que se sentem mais seguros para fazer, com formas já feitas antes ou desenhos estereotipados. Então se torna essencial, para educação em Arte, que o professor estimule seus alunos através da imaginação, para que os alunos possam expressar seu referencial cultural pessoal e colocar suas próprias impressões e expressões sobre o exercício a se realizar.

Esta pesquisa também abre espaço e oferece caminhos para você leitor, também imaginar, com as propostas que foram apresentadas e compartilhar a imaginação com quem quiser.

Alice no País das Maravilhas, um encanto de história, traduzido em um filme mágico. Esta experiência de conciliá-la, com esta pesquisa foi inarrável.

Após ter mergulhado profundamente neste tal País das Maravilhas juntamente com Alice, vivido aventuras, e saído de lá com memórias, ideias e principalmente uma bagagem imaginária imensa, retorno ao mundo real, com objetivos bem claros na minha cabeça, metas a serem seguidas e levadas a diante em minha vida, com pitadas de imaginação, assim como a menina Alice, quando também retorna de lá.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. **Bachelard: Pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 3. ed. Brasília: DP&A, 2001. 130 p.

BURTON, Tim. **Alice no País das Maravilhas**. Produção: Tim Burton, Joe Roth, Jennifer Todd, Suzanne Todd e Richard D. Zanuck. Walt Disney Studios. 2010. 1 DVD (109 min), son. Estados Unidos da América.

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na Educação?. I Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico-Culturais, 5 a 7 de setembro de 2005

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GIRARDELLO, Gilka. **O florescimento da imaginação: crianças, histórias e TV**. I Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico-Culturais. Florianópolis, 2005

HONORATO, Aurélia R. S. A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs.). **Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 109 - 118.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 118 - 140.

BARROS, Manoel. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

MARTINS, Miriam Celeste et al. **Didática do ensino de arte a língua do mundo**. Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD. 1998

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa / organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2,ed.rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004

PESSI, Deise Cristina Venson. **Janelas imaginárias**: um olhar para a imaginação de crianças e adultos.p.81. TCC (Licenciada em Artes Visuais) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores / Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. – São Paulo: Ática, 2009

APÊNDICES

ANEXO A – Autorização dos pais e carta de apresentação**AUTORIZAÇÃO**

Eu, _____
 _____ RG _____.(nº da Identidade), estou de acordo a participar de uma pesquisa que busca **Perceber nas produções artísticas dos adolescentes a presença do repertório artístico pessoal, reforçando a potência das manifestações culturais na formação do sujeito.** Realizada pela acadêmica KAMILLA DA SILVA ROVARIS, da 8ª fase, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, da UNESC, autorizando assim, o uso de minhas falas, minhas imagens ou outros trabalhos feitos por mim e para uso desta pesquisa.

Atenciosamente,

(Assinatura do adolescente)

Eu, _____, CPF nº _____, residente em _____, autorizo meu/minha filho(a) _____, a participar da pesquisa proposta por KAMILLA DA SILVA ROVARIS, da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura, da UNESC, que busca **Perceber se nas produções artísticas dos adolescentes há a presença do repertório artístico pessoal, reforçando a potência das manifestações culturais na formação do sujeito.** Autorizo, ainda, que sejam feitas imagens a partir de câmera digital das atividades realizadas, das falas e imagens para uso da pesquisa e para fazer parte do acervo mantido pelo curso de Artes Visuais - Licenciatura.

Por ser verdade, firmo o presente.

Jacinto Machado, _____/_____/_____

(Assinatura dos pais ou responsável)

CARTA DE APRESENTAÇÃO/AUTORIZAÇÃO

A/C: **Cristiane Mezzari Tonetto**

Diretora da Escola Municipal de Educação Básica Arizona

Eu, Kamilla da Silva Rovaris, portadora do RG 5.419.821-6, acadêmica da 8ª fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Unesc, venho por meio deste solicitar a sua autorização, para realizar trabalho de pesquisa de conclusão de curso (TCC), que busca **Perceber nas produções artísticas dos adolescentes a presença do repertório artístico pessoal, reforçando a potência das manifestações culturais na formação do sujeito,** necessitando da disposição de uma sala e data-show. Assim declaro estar ciente e de acordo com a realização da proposta, onde os resultados obtidos, serão defendidos em meados de novembro de 2012.

Atenciosamente,

(Carimbo de sua função e da Escola)

Jacinto Machado, de setembro de 2012